

SUBJETIVIDADE E DISCURSIVIDADE: ALGUNS EXERCÍCIOS DE ANÁLISE À LUZ DE MICHEL FOUCAULT

Cellina Rodrigues Muniz*
cellina.muniz@ufrn.br
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Seria possível discutir temáticas ligadas à contemporaneidade na reflexão sobre subjetividade e discursividade ainda à luz do arcabouço teórico e analítico de Michel Foucault, morto há quarenta anos? Partindo dessa problematização, pretendemos, neste artigo, refletir sobre a relação entre subjetividade e discursividade a partir de alguns conceitos do modelo foucaultiano de Análise do Discurso aplicados a representações identitárias. Para isso, analisamos quatro exemplos de materializações discursivas publicadas em perfis do Instagram, sendo dois casos jornalísticos e dois casos humorísticos. Nesses exemplos, manifestam-se representações identitárias ligadas a temas em evidência na atualidade: LGBTQIA+ e saúde mental. Por meio das análises, podemos observar tanto a pluralidade de posições-sujeito como a descontinuidade histórica na abordagem das temáticas, o que nos leva a concluir que ainda se mostram produtores conceitos formulados por Foucault, tais como autoria, posição enunciativa e poder.

Palavras-chave: Subjetividade; discursividade; representação identitária; Michel Foucault.

1 Introdução

Não é novidade nenhuma afirmar que a Análise do Discurso tem no legado de Michel Foucault um grande aporte, especialmente no que diz respeito à subjetividade. Morto em junho de 1984, aos 58 anos de idade, vitimado pelo HIV, Foucault foi mais do que psicólogo ou filósofo de formação: esse pensador, à maneira de um pirotécnico¹, incendiou diferentes áreas de conhecimento e deixou obras de vital importância para diferentes campos do saber, especialmente as Ciências Humanas.

Como tributo a esse legado, nosso objetivo neste artigo é rediscutir noções atreladas à questão do sujeito – elemento fundamental para estudiosos da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso – partindo da seguinte indagação: de que maneira

* Licenciada em Letras (Uece), Mestre em Linguística (UFC) e Doutora em Educação (UFC) com pós-doutorado em Linguística (Unicamp). Professora Associada do Departamento de Letras (DLET-CCHLA-UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL-UFRN).

¹ Em entrevista de junho de 1975, ao ser indagado como se definiria, assim respondeu Foucault: “Eu sou um pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer cair os muros” (Pol-Droit, 2006, p. 69).

o cabedal teórico e analítico de Foucault ainda se mostra pertinente diante de um cenário sobre o qual o pensador não teve como se debruçar, marcado notadamente pelas formas digitais de informação e comunicação?

Nessa direção, apresentamos alguns exercícios de análise de representações identitárias abordadas (mesmo que indiretamente) em postagens publicadas na rede social *Instagram*. Com base em conceitos atrelados à discussão foucaultiana de sujeito – tais como autoria, função enunciativa e poder –, refletimos também sobre a enunciação de subjetividades a partir de outros conceitos, tais como resistência e resignificação, especialmente em Butler (2017) e Paveau (2021). Para isso, escolhemos duas temáticas identitárias: 1) subjetividade e gênero LGBTQIA+ e 2) subjetividade e saúde mental.

Assim, estruturamos este artigo basicamente em duas seções: primeiramente, atrelamos a discussão sobre subjetividade a aspectos da autoria e da função enunciativa bem como ao exercício de relações de poder, tal como postulou Michel Foucault (Foucault, 1995a; 2009a). Em seguida, procedemos às análises de quatro postagens, duas do campo jornalístico e duas do campo humorístico, nas quais outro conceito se mostra bastante produtor: o de resignificação em contextos digitais, tomando como base Judith Butler (2017) e Marie-Anne Paveau (2021).

2 Sobre sujeito e subjetividade

A reflexão sobre a subjetividade atravessou as diferentes fases do pensamento de Michel Foucault (cf. Veiga-Neto, 2006), desde o primeiro momento, focado na investigação sobre a relação entre sujeitos e a produção e/ou sujeição aos saberes enquanto discursos (da economia, da gramática, das ciências *psi*), passando por um segundo momento, quando se debruçou sobre as formas de poder sobre os indivíduos e as populações, até sua terceira e última fase, cujo alvo eram as formas de constituição de si.

Assim, são três fases que marcam o desenvolvimento intelectual de Foucault: uma primeira fase (arqueológica), quando se detém sobre as formações discursivas de grandes regimes de enunciação (o discurso sobre a loucura, o discurso das ciências humanas); uma segunda fase (genealógica), quando se debruça sobre os dispositivos que regulam e controlam os corpos e as populações por meio das técnicas disciplinares e da biopolítica, com ênfase nos aparatos policiais e presidiários; e uma

terceira e última fase (ética e estética da existência), quando se propõe a analisar as diferentes formas e práticas de si, desde a Antiguidade e os primeiros anos da era cristã, pelas quais os indivíduos se constituem em relação a si mesmos (tomando o caso particular da sexualidade e da constituição de sujeitos desejantes).

O próprio pensador francês reflete sobre sua trajetória em vários trabalhos, como, por exemplo, no trecho a seguir:

A história do “cuidado” e das “técnicas” de si seria uma maneira de fazer a história da subjetividade: não mais, porém, através das separações entre loucos e não loucos, doentes e não doentes, delinquentes e não delinquentes, não mais através da constituição de campos de objetividade científica dando lugar ao sujeito que vive, fala, trabalha; e sim através da implantação e das transformações, em nossa cultura, das “relações com si mesmo, com seu arcabouço técnico e seus efeitos de saber (Foucault, 2016, p. 268).

Embora haja uma íntima relação entre essas três fases, já que a questão da subjetividade atravessa os três momentos, neste artigo nos interessam sobretudo as abordagens de Foucault sobre aspectos ligados à discursividade, ou seja, vamos nos deter especialmente nas contribuições da primeira fase.

Logo no início de *A arqueologia do saber*, cuja edição original é de 1969 e é considerado um livro emblemático da primeira fase, uma espécie de ensaio metodológico para analistas de discurso, Foucault (1995a) deixa em suspenso algumas unidades, tradicionalmente utilizadas até então sem maiores questionamentos, dentre as quais as noções de “obra” e de “autor”. Em sua problematização sobre a suposta ligação direta entre um nome próprio e uma obra a ele atribuída, assinala:

o nome de um autor denota da mesma maneira um texto que ele próprio publicou com seu nome, um texto que apresentou sob pseudônimo, um outro que será descoberto após sua morte, em rascunho, um outro ainda que não passa de anotações, uma caderneta de notas, um “papel”? (Foucault, 1995, p. 26).

Bem se vê, assim, o afastamento que Foucault propõe entre indivíduo e sujeito, não havendo para ele uma relação de equivalência inequívoca entre um e outro, apresentando uma proposta que trata o sujeito não como origem fundante de seu dizer, mas como uma posição enunciativa:

Examinando o enunciado, o que se descobriu foi uma função que [...] requer, para se realizar, [...] um sujeito (não a consciência que fala, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes) [...] (Foucault, 1995a, p. 133).

O sujeito está, desse modo, necessariamente atrelado às modalidades enunciativas: para assinar um diagnóstico psiquiátrico é preciso poder ocupar a posição de médico, por exemplo. Assim, pensar em quem pode ou não ocupar essa ou aquela posição enunciativa implica pensar o autor de um texto como uma função discursiva ligada a condições de possibilidade (quem pode e quem não pode exercer tal enunciado?), um foco de coerência que está para além da vontade ou intencionalidade individual, mas, antes, é condicionado por fatores sócio-históricos.

Surge, então, a noção de autoria para Foucault, expressão discursiva do sujeito que pode ser caracterizada, por sua vez, em quatro dimensões. Ele as resume do seguinte modo:

a função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso a seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeito que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar (Foucault, 2009, p. 279-80).

Por outro lado, posteriormente, Foucault (2004) concebe o sujeito como fruto de várias ordens, em que diferentes sistemas de tecnologias incidem na constituição subjetiva, cada um desses sistemas com uma matriz de razão prática e todos entrelaçados: as tecnologias de produção (que permitem produzir, transformar e manipular as coisas), as tecnologias de signos (que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação), as tecnologias de poder (que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito) e as tecnologias do si (que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, operações sobre seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser) (Foucault, 2004, p. 323).

Em suma, ao tempo em que é produto, o sujeito também produz amplas formas de saber-poder sobre os outros e sobre si mesmo.

Como assinalado antes, Foucault se deteve sobre o poder especialmente na segunda fase de sua trajetória, conhecida comumente como fase genealógica, quando se debruçou sobre o *poder disciplinar*, voltado para a produção de corpos dóceis e economicamente úteis por meio de dispositivos como fábricas, prisões, escolas, asilos etc., e o *biopoder*, pautado no controle sobre as populações e em função de um “fazer viver”, sendo essas formas de poder complementares, em redes que objetificam os sujeitos, capturando-os, dividindo-os e classificando-os (cf. Veiga-Neto, 2007, p. 55).

Mas é principalmente na terceira e última fase, cujo foco é o ser-consigo, que Foucault compreende o poder não como coisa ou posse e sim como relação e exercício, múltiplo e movente, vivenciado em micro instâncias, capilares, e de modo também produtivo, não apenas repressor. Evidentemente que há muitas esferas de coação (das línguas, do Estado, das normas sociais e culturais, do algoritmo etc.), mas, como o próprio Foucault diz no primeiro volume de *A história da sexualidade* (Foucault, 2009, p. 105), “ali onde há poder, há resistência”.

Que relação, então, podemos estabelecer entre os sujeitos e suas práticas discursivas em relação ao poder e a formas de resistência? Trataremos disso a seguir.

3 Representações identitárias no Instagram: algumas análises

Neste artigo, como dissemos antes, propomo-nos a analisar algumas publicações no Instagram atreladas a duas temáticas às quais se liga, em alguma medida, a questão da subjetividade: a da saúde mental e a da identidade de gênero LGBTQIA+. Para cada temática, selecionamos dois exemplos de dois tipos de discurso: o discurso jornalístico e o discurso humorístico (os quais, evidentemente, não se reduzem às características apresentadas nos exemplos a seguir).

De antemão, gostaríamos de frisar que nosso foco está nas representações identitárias e não em elementos mais específicos ligados à textualidade e ao gênero discursivo digital, o que estaria próximo do que Paveau (2021) designa “tecnodiscursividades”.

Também cabe explicarmos a razão de escolher textos jornalísticos e humorísticos. A escolha desses tipos de discurso não é aleatória. Tomamos como base a distinção elaborada por Possenti (2021), justamente a partir de Foucault, sobre jogos de verdade na grande mídia: de um lado, discursos da ordem do saber, e de

outro, discursos da ordem da ideologia². Para exemplificar, cita o caso das propostas de reforma da Previdência, amparada tanto no segundo tipo de discurso (“da justiça, da igualdade, do fim dos privilégios”), como no primeiro (“mudanças demográficas”, “inviabilidade [econômica, contábil] atual”) (cf. Possenti, 2021, p. 71).

Nessa esteira, acreditamos que cada um dos exemplos apresentados tende mais a um tipo de discurso: enquanto os exemplos jornalísticos se pautam sobretudo em discursos de saber (embasados cientificamente), os exemplos humorísticos parecem se filiar mais a discursos ideológicos e do senso comum. Certamente, essa tendência pode ser explicada em função dos efeitos de sentido visados e sua relação com a noção de “verdade”: enquanto o discurso jornalístico pretende assumir uma relação “inequívoca” entre enunciado e fatos do mundo, o discurso humorístico se pretende *non bona fide*, isto é, trata-se de enunciados para não serem levados a sério, embora tratem de questões relevantes para uma sociedade (ver Possenti, 2019, p. 35).

Mas o elemento principal a ser frisado é que, na expressão material desses discursos, ainda que em ordens distintas (discurso da ciência e discurso da ideologia, discurso jornalístico e discurso humorístico), enunciam-se representações identitárias ligadas à subjetividade e aos temas da saúde mental e do gênero LGBTQIA+, assuntos de grande evidência na contemporaneidade. E, em algumas dessas representações, manifesta-se um outro conceito fundamental: a *ressignificação*.

Necessariamente atrelada a manifestações de discurso de ódio, a resignificação pode ser entendida, segundo Judith Butler (2021, p. 31), como “empregos do poder linguístico que buscam simultaneamente revelar e combater o exercício ofensivo do discurso”.

De acordo com Paveau, Costa e Baronas (2021), uma pré formulação desse conceito surge na obra *Le pouvoir des mots*, de Butler, em 1997:

Segundo Butler, trata-se de um processo dinâmico pelo qual o indivíduo se reapropria de um termo ofensivo, a partir de uma “ferida linguística” (formulada em termos de interpelação), e o devolve contra a fonte enunciativa ofensiva, num ato de linguagem que produz um poder de ação linguístico (Paveau, Costa, Baronas, 2021, p. 25).

² A concepção de ideologia utilizada por Possenti (2021) está relacionada a uma noção geral de visão de mundo, doutrina e posicionamento, sem adentrar em discussões de filiação marxista.

Assim, ao ressignificar um enunciado originalmente destinado a ferir, “o sujeito, em vez de deixar-se ser designado, incorpora a ofensa que lhe foi desferida e produz uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora” (Paveau, Costa, Baronas, 2021, p. 26).

Compreende-se, pois, a ressignificação como ação política no mundo, no que vemos reatualizar-se o conceito de poder proposto por Foucault em seus últimos estudos. A própria Butler admite essa aproximação entre exercício de poder e ressignificação:

Se Foucault argumentou que um signo pode ser absorvido e usado para fins contrários àqueles para os quais foi projetado, é porque entendeu que até os termos mais nocivos poderiam ser apropriados, que as interpelações mais prejudiciais também poderiam ser o lugar da reocupação e da ressignificação radicais (Butler, 2017, p. 111).

Vejamos então, como podemos entrever a relação entre representações identitárias e sua discursividade a partir de alguns exemplos da esfera digital. Os exemplos a seguir foram selecionados entre os meses de abril e junho de 2024.

2.1 Subjetividade e identidades LGBTQIA+

O primeiro exemplo a ser considerado remete a um emblemático exercício de poder entre sujeitos contrários e sujeitos apoiadores da pauta LGBTQIA+.

Tal exercício pode ser evocado na postagem publicada no perfil do jornal *Folha de S. Paulo* de 1 de junho de 2024 a respeito da realização, em São Paulo, da Parada do Orgulho LGBTQIA+ do dia seguinte (02/06/2024). Em forma de manchete, a postagem anuncia no primeiro quadro: “Membros da comunidade LGBTQIA+ resgatam cores da bandeira que viraram símbolo bolsonarista”.

O sujeito que assume a autoria da postagem, que assina como *Folha de S. Paulo*, pressupõe uma afinidade com o sujeito objeto da manchete, *Membros da comunidade LGBTQIA+*, pelo uso do verbo “resgatar”, ou seja, indicando, pelo aspecto semântico da palavra, uma ação de livrar ou salvar algo ou alguém de algum tipo de malefício, no caso, a associação das cores verde e amarelo ao pretenso patriotismo de grupos apoiadores de Bolsonaro, na verdade já utilizadas, em 2016, pelos apoiadores do *impeachment* de Dilma Rousseff (presidente eleita duas vezes e filiada ao Partido dos Trabalhadores, esquerda partidária brasileira) (cf. Pinto, 2017).

É preciso assinalar também, ainda que sumariamente, que o gesto associado na matéria à comunidade se ampara no acontecimento da apresentação da cantora e compositora Madonna no Rio de Janeiro, no dia 5 de maio de 2024. Madonna, ícone musical fortemente associado ao universo LGBTQIA+, vestiu roupas com as cores da bandeira brasileira e incomodou, com sua coreografia, segmentos mais conservadores³.

O que essa postagem, assim, enseja é o embate resumido entre Sujeitos LGBTQIA+/Folha de S. Paulo *versus* Sujeitos Bolsonaroistas/Conservadores, ilustrando uma relação de força que não se resume ao Brasil (cf. Butler, 2020).

No segundo exemplo selecionado, tem destaque a mesma hibridização de representações identitárias – de gênero e de posicionamento político – que o exercício autoral pode engendrar.

Trata-se da postagem do perfil *lasbibasmusic*, da artista, produtora musical, cantora e DJ que assina como Las Bibas From Viscaya. Com 127 mil seguidores, o perfil publicou nos meses de maio e junho de 2024, na forma de *reel*⁴, um conjunto de 25 vídeos curtos (ou capítulos) intitulados “Vale Tudo Fia!”, uma montagem parodística da novela original “Vale Tudo”, exibida pela emissora de TV Globo entre 1988 e 1989.

Las Bibas From Vizcaya (independentemente de ter sido ou não responsável pela edição dos vídeos), assume a função enunciativa de autora dessa publicação e, a partir do exercício autoral dessa paródia, subverte os personagens da trama original em personas do mundo LGBTQIA+, o que se demarca sobretudo por conta de jargões e trejeitos verbais estereotipados utilizados na dublagem.

O estereótipo, recurso típico do humor (Possenti, 2004)⁵, é então reapropriado e ressignificado: em vez de funcionar como procedimento de um humor que rebaixa e

³ Ver, a esse respeito, matérias como a publicada em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2024/05/06/show-da-madonna-deixa-conservadores-brasileiros-indignados.html>. Acesso em: 2 jul. 2024.

⁴ À luz de Paveau (2021), compreendemos o *reel* – vídeo de 1 a 2 minutos – como um gênero digital nativo, ou seja, um gênero cuja emergência original implica uma coconstituição entre o linguageiro e o tecnológico, sendo assim um tecnogênero de discurso (Paveau, 2021, p. 328).

⁵ Segundo esse autor, piadas que exploram estereótipos – uma representação social, imaginária e construída, caracterizada por uma redução e frequentemente negativa de uma pessoa, grupo ou assunto. Em piadas, os usos de estereótipos, são geralmente agressivos e refletem condições históricas de disputa (Possenti, 2004, p. 156-158).

desqualifica (cf. Eagleton, 2020)⁶, as representações estereotipadas – sobretudo por meio de exageros cômicos na tonalidade de voz e na indicação do longo nome da personagem – sugerem notadamente o critério socio-semântico definido por Paveau, Costa e Baronas (2021, p. 38) como uma das características da resignificação: uma recontextualização aceitável e reconhecida entre os sujeitos implicados, aqueles indivíduos ou grupos afetados por uma ofensa original.

Detemo-nos particularmente no capítulo 11, publicado em 25 de maio de 2024. Nesse vídeo de 1 minuto e trinta segundos, uma cena mostra um diálogo entre as personagens vivenciadas pelas atrizes Beatriz Segall e Regina Duarte, que representavam na trama original, respectivamente, Odete Roitman (a vilã) e Raquel Accioli (a heroína). Na paródia, as personagens fazem o seguinte diálogo, reproduzido em legendas escritas:

ODETE: A que devo a honra da visita da bolsominion e rainha da fake news no meu escritório?

REGINA: Falou a única burguesa número 13 da face da Terra. Senta lá, Cláudia. A propósito, você já fez a sua doação para o Rio Grande do Sul hoje?

ODETE: Fiz, querida. Tá qui, ó, vou assinar pra você agora o cheque, Odete Roitmann Naty Nathina Lohein Savick de Albuquerque Pampick de la Tuzane da Bolda de Bordeaux Orleans e Bragança. Tá?

REGINA: Fico muito contente, dona Odete, em saber que além da causa animal a senhora também apoia os GLS, porque na sua época, no seu tempo, era GLS, né, gata? E quem diria que em 2024 ela agora tá fazendo o L. Posso nem postar isso porque se não vão dizer que é fake news.

ODETE: Sem dúvida.

REGINA: Mas como a senhora deve imaginar, todas da minha laia temos um... temos um perfil número 2, né, pra dar uma olhadinha, uma scouteadada, fazer uma sonsa, fazer uma Cátia cega, fazer uma TGM, um truque de galinha morta. Porque se a gente não vigia, esse país vira uma zona. Aliás, já está uma zona a gente vigiando. Bem, Odete, você agora me dá licença que eu tenho uma reunião na minha Associação das Mães Evangélicas do Tiro ao Alvo. Uma associação de benfeitoria que eu montei.

ODETE: Alguém para essa louca. Traga um Baygon pra mim agora! Eu nunca ouvi tanta insanidade em um capítulo só.

Nesse exemplo, podemos observar uma hibridização entre sujeito personagem e sujeito atriz, hibridização essa explorada propositalmente a fim de produzir um efeito de humor: o nome de Regina Duarte se liga tanto à atriz que interpretou a personagem Raquel na novela original, como à pessoa de posicionamento político-partidário à extrema-direita, pessoa essa que atuou na campanha presidencial de Jair Bolsonaro

⁶ Segundo Terry Eagleton, essa perspectiva, bastante antiga, de uma “teoria da superioridade”, supõe uma atitude de zombaria e escárnio que se manifesta a partir da percepção de uma (suposta) fragilidade, estupidez ou absurdidade de outros seres humanos (Eagleton, 2020, p. 39).

em 2018 e ocupou cargo no seu governo, assumindo a pasta da Secretaria Especial da Cultura entre março e maio de 2020, do que decorreram fortes críticas da classe artística.

Nessa paródia, a personagem é designada de maneira negativa como “bolsominion”⁷, “rainha da *fake news*” e líder da “Associação das Mães Evangélicas de Tiro ao Alvo”, explorando traços desvalorizados pela oposição esquerdista e associados aos grupos bolsonaristas, geralmente associados à expressão “bancada boi-bala-bíblia”.

Como se sabe em uma análise de discurso de viés foucaultiano, todo e qualquer exercício de análise implica considerar os enunciados em sua singularidade histórica, para o que há que se considerar as condições em que os enunciados emergem (Foucault, 1995a). Esse vídeo emerge no cenário de *polarização política*, bem como o embate entre a extrema-direita e a esquerda, representados no Brasil, em síntese, por Bolsonaro e Lula, respectivamente⁸.

Assim, o sujeito autor desse vídeo, ao tempo em que atrela as representações estereotipadas de gênero LGBTQIA+ para seus personagens, faz também uma assunção de sujeito político para si, numa representação que, também, ilustra um dos critérios propostos pela resignificação por Paveau, Costa e Baronas (2021, p. 39), o critério pragmático-político, em que a resignificação do estereótipo é revolucionária ao propor uma reparação e uma resistência, à maneira da reapropriação performativa do termo “queer” (cf. Butler, 2020).

Por outro lado, há também outra designação para a personagem/posicionamento contra a/o qual se opõe – símbolo da ala de extrema-direita: “essa louca” e “insanidade” são expressões de valoração pejorativa, típica de uma visão tradicional baseada no procedimento de controle de exclusão pautado na separação entre loucura e razão, ou normal *versus* anormal (Foucault, 2001).

⁷ O próprio vocábulo, forma como a oposição se refere aos seguidores de Bolsonaro, é fruto do recurso humorístico da condensação (cf. Possenti, 2010) e origina-se da aglutinação entre “bolsonarista” e “minions”, personagens de filme de animação americano, caracterizados como criaturinhas tolas e ingênuas.

⁸ No Brasil, uma série de fatores propiciou a divisão do país em frentes radicalmente opostas. O retorno da extrema-direita política no comando do país, ilustrado pela eleição de Jair Bolsonaro em 2018, só foi possível após um processo de *fragmentação*. Desde as manifestações de junho de 2013, passando pelas denúncias de corrupção na Petrobrás e pela operação Lava-Jato, até culminar com a destituição da então presidente Dilma Rousseff em 2016, logo após a sua eleição para um segundo mandato, o país foi ficando cada vez mais polarizado (Pinto, 2017, p. 146). Sobre o fenômeno da polarização ver também Kakutami (2019).

O rebaixamento aí implicado se atrela ao “ser louco”, tema, aliás, presente nas próximas análises.

2.2 Subjetividade e saúde mental

Como se sabe, a construção histórica e discursiva do sujeito “louco” também foi objeto das investigações de Foucault, o que se vê em obras como “História da loucura”, de 1961, e “O nascimento da clínica”, de 1963. Nesses trabalhos, Foucault procurou mostrar como a loucura, mais do que um fenômeno em si, foi sendo produzida discursivamente a partir de descontinuidades de experiências do insensato (dos corpos nômades da Idade Média aos corpos excluídos e reclusos do século XIX) e abordagens conceituais (um tratamento moral *versus* um científico). O que se destaca é que há um paralelo entre o desenvolvimento das ciências médicas (mais precisamente, as ciências psi) e o dos aparelhos de controle desses indivíduos no mundo, o que demonstra uma relação entre saber e poder na constituição dos sujeitos (cf. Foucault, 1993).

O primeiro exemplo que apresentamos, do tipo jornalístico, ilustra como um discurso de saber incide sobre um discurso religioso e sua concepção de sujeito “pecador”. Trata-se de uma reportagem apontada na postagem da BBC News Brasil, perfil da filial brasileira da agência britânica, com mais de 3,6 milhões de seguidores. A postagem em foco remete à reportagem intitulada *‘Ala dos suicidas’: como a antiga tradição dos cemitérios judaicos foi pouco a pouco abandonada*, publicada em 1 de junho de 2024. A postagem se constitui de um carrossel de cinco quadros em que se intercalam imagens e enunciados verbais. Esses dizem o seguinte:

Por séculos, cemitérios judaicos em todo o mundo separavam uma ‘ala dos suicidas’ para o enterro de pessoas que se mataram. Entre os séculos 3 e 8, o documento judaico Semachot determinou: ‘Para um suicídio, nenhum rito (funerário) deve ser observado. Mas, segundo representantes e estudiosos do judaísmo, essa prática foi pouco a pouco abandonada no século XX, devido a uma maior compreensão da saúde mental. “Não deveria haver no suicídio nada relacionado com culpa, pecado e condenação. A sociedade tem que se perguntar, e a religiosidade tem que se perguntar, se soube ajudar o suficiente”, reflete o rabino Ruben Sternschein. Na ditadura militar brasileira, a ‘ala dos suicidas’ ficou em evidência com as mortes de militantes de origem judaica, como Lara Lavelberg (foto) e Vladimir Herzog. O regime militar encobriu a causa da morte deles e afirmou que ambos tinham se matado, o que depois foi negado por evidências.

Façamos primeiramente uma diferenciação entre as diferentes posições discursivas aí entrevistas: a) o sujeito autor da reportagem, a própria BBC Brasil que assume a responsabilidade pela matéria, uma empresa jornalística cuja credibilidade se ancora no tempo de atuação e na quantidade de seguidores; b) o sujeito que se expressa no discurso direto como o documento Semachot, voz enunciativa que representa a própria religião judaica; c) o sujeito que se expressa em discurso direto como o rabino Ruben Sternschein, simultaneamente fonte e argumento de autoridade da reportagem.

Esses dois últimos enunciadores apontados pelo sujeito BBC representam de maneiras distintas o sujeito suicida: enquanto o primeiro enunciador (a religião tradicional) representa esse sujeito suicida como aquele que merece não ter os ritos funerários (ou seja, um tratamento moral de “culpa” e “condenação”), o segundo enunciador – que é rabino e, portanto, ocupa uma posição autorizada – faz outra representação sobre esse sujeito suicida: não um pecador e sim alguém que precisa de ajuda da sociedade e da religião.

Talvez não seja preciso insistir em como o segundo enunciador – o sujeito rabino – está em conformidade com o discurso de saber médico, para o qual, de modo geral, o suicídio é sobretudo resultado de transtornos psicológicos e psiquiátricos.

Podemos também afirmar que o sujeito BBC demonstra estar em conformidade com esse segundo enunciador, mais do que em relação ao “documento” dos “séculos 3 e 8”, subentendendo aí uma quebra com a concepção anterior sobre o sujeito suicida diante do quadro atual “de uma maior compreensão da saúde mental”.

Assim, entre a representação religiosa de antes do sujeito suicida (pecador, culpado e condenado) e a representação religiosa atual, na qual incide o discurso científico/médico (doente e digno de ajuda), acena-se a para uma ruptura de representações, observando-se aí a descontinuidade postulada por Foucault como instrumental teórico e analítico: “o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (Foucault, 1995a, p. 6).

Também há uma certa ruptura na representação sobre o sujeito louco no discurso humorístico (ainda que não seja absoluta, já que, como vimos no vídeo de Las Bibas, a distinção pejorativa do louco como *outro* ainda persiste). Essa ruptura se reflete no segundo exemplo em que podemos entrever representação subjetiva na temática da saúde mental.

Esse segundo exemplo consiste, na verdade, em um conjunto de três memes, gênero humorístico típico das redes sociais⁹. Esses memes (os dois primeiros publicados no perfil @ansiosori e um terceiro, da série de memes *Nazaré Confusa*¹⁰), refletem uma tendência cuja unidade é a representação de si a partir da temática “saúde mental”. Cada um deles faz uso da colagem entre imagem e enunciado verbal, da seguinte maneira:

No meme 1, postado em 1 de dezembro de 2022, no enunciado verbal lemos *vou andar com uma plaquinha dessa*, seguido, abaixo, de uma fotografia de uma placa em que se lê *não perturbe, já sou perturbado suficiente*.

No meme 2, postado em 21 de dezembro de 2023, um enunciado verbal diz *Não falarei nada, mas a saúde mental dará sinal!* Abaixo, vemos então um vídeo de uma mulher falando a uma lata de refrigerante que segura junto ao rosto, à maneira de um telefone, enquanto em outra mão segura um aparelho de celular. Ao fundo, uma parodia musical de “Evidências”, canção de Chitãozinho e Xororó, numa colagem em que a dupla canta, de maneira contínua: “E nessa loucura, de dizer essa loucura...”

No meme 3, lê-se o enunciado *Quando me perguntam como vai a minha saúde mental*, sobreposto a uma fotografia da personagem Nazaré, da telenovela brasileira “Senhora do Destino”, exibida pela Rede Globo de TV entre 2004 e 2005. A personagem, vilã, era caracterizada sobretudo pela insanidade e virou objeto de inúmeros memes, principalmente com a reprise da novela em 2023.

Os três memes ilustram a unidade discursiva por trás da dispersão enunciativa, tal como assinalou Foucault sobre as formações discursivas (1995a), unidade essa, no caso, baseada na representação de si como alguém com algum transtorno psíquico. Por meio do uso significativo do recurso humorístico da autoderrisão¹¹ – isto é, o próprio eu apresentado como objeto de riso – o que o subentendido assinala (além do próprio exercício de reflexão de um “eu” consigo próprio) é uma descontinuidade histórica entre uma representação anterior pautada numa alteridade excludente (o louco *versus* nós, os sãos), representação essa cuja tradição remonta à Idade

⁹ Para mais detalhes sobre esse e outros gêneros discursivos de humor na esfera digital, ver Fraticelli (2023).

¹⁰ Ver a matéria “Mais que meme: Nazaré Confusa e Renata Sorrah”. Disponível em: <https://dataismo.com.br/mais-que-meme-nazare-confusa-e-renata-sorrah/?amp=1>. Acesso em: 10 jul. 2024.

¹¹ Segundo o ensaio “O Humor”, de Sigmund Freud, o procedimento de rir de si mesmo é, antes de tudo, uma estratégia de defesa psíquica (cf. Possenti, 2019).

Clássica (Foucault, 1993)¹², e uma representação atual pautada na atribuição de uma condição a que todos estamos sujeitos (o louco = nós), em que a distinção entre o anormal e o normal parece ser cada vez mais frágil.

3 Conclusão

Neste artigo, pretendemos mostrar, por meio de algumas análises, como o cabedal teórico e analítico de Michel Foucault em torno do sujeito e sua inscrição discursiva ainda se mostra eficaz e relevante.

Tentamos demonstrar que as mesmas questões apresentadas por Foucault a respeito da relação entre subjetividade e discursividade podem ainda ser pensadas na contemporaneidade à luz de seus conceitos.

Como os indivíduos se constituem em sujeitos? Como os sujeitos são objetificados a partir de determinadas epistemes, relações de poder e conhecimento sobre si? Como os sujeitos se constituem em relação a modalidades enunciativas? Como se dá a relação entre sujeito e autoria? Como se dá a relação entre sujeito e procedimentos de controle discursivo? Como o sujeito se institui a partir de uma reflexão sobre o próprio eu? Essas foram as questões que Foucault perseguiu e que ainda podem ser exploradas à luz de seu pensamento, tal como tentamos explorar nos nossos exercícios de análise.

Assim, com os exemplos que tratam de temáticas bastante em evidência na contemporaneidade, quisemos demonstrar como suas proposições sobre autoria, função enunciativa, poder e resistência ainda se fazem producentes, e como tais proposições podem ser viáveis para se pensar acerca de representações identitárias, mesmo em materialidades tecnodiscursivas sobre as quais o pensador francês não pode se debruçar.

Em última instância, é possível concluir que a vitalidade de toda a discussão foucaultiana sobre subjetividade (apenas vislumbrada neste artigo) se mostra na medida em que o pensador assinalou o sujeito como uma soma de possíveis lugares descontínuos e sempre em processo, nunca fechados e completos:

¹² A esse respeito, Foucault identifica um acontecimento preciso, baseado na existência real de “barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra”, banindo assim essas figuras indesejadas. E prossegue: “em Nuremberg, durante a primeira metade do século XV (1401-1500) registrou-se a presença de 62 loucos, 31 dos quais foram escorraçados [...] Frequentemente as cidades da Europa viam essas naus de loucos atracar em seus portos” (Foucault, 1993, p.9).

Talvez o objetivo não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. [...] Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos (Foucault, 1995b, p. 239).

Eis aí uma lição de Michel Foucault que continua muito viva, mesmo quarenta anos depois de sua morte.

SUBJECTIVITY AND DISCURSIVITY: SOME ANALYTICAL EXERCISES ACCORDING TO MICHEL FOUCAULT

Abstract: Would it be possible to discuss themes linked to contemporary times in the reflection on subjectivity still according to the theoretical and analytical framework of Michel Foucault, who died forty years ago? Starting from this problematization, we intend, in this article, to reflect on the relationship between subjectivity and discursivity based on some concepts from the Foucauldian model of Discourse Analysis applied to identity representations. To do this, we analyzed four examples of discursive materializations published on Instagram profiles, two of which were journalistic and two were humorous. In these examples, identity representations linked to current topics are evident: LGBTQIA+ and mental health. Through the analyses, we can observe both the plurality of subject positions and the historical discontinuity in the approach to themes, which leads us to conclude that concepts formulated by Foucault, such as authorship, enunciative position and power, are still productive.

Keywords: Subjectivity; discursivity; identity representation; Michel Foucault.

Referências

BUTLER, J. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

EAGLETON, T. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Tradução de Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2001.

FOUCAULT, M. Genealogia e poder. In: *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. 3. ed. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009a.

FOUCAULT, M. O que é um autor? *In*: MOTTA, Manuel Barros da (org.). *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. (Coleção Ditos e Escritos III).

FOUCAULT, M. *Subjetividade e verdade*. Tradução de Rosemary Costek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul (org.). *Foucault, uma trajetória filosófica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b.

FOUCAULT, M. Tecnologias do si. *Revista Verve*. Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol, n. 6, p. 321-360, 2004.

FRATICELLI, D. *El humor hipermediático: una nueva era de la mediatización reidera*. Buenos Aires: Teseo, 2023.

KAKUTANI, M. *A morte da verdade*. Notas sobre a mentira na Era Trump. Tradução de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

PAVEAU, M-A.. *Análise do discurso digital: dicionário de formas e práticas*. Organização de Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, M-A.; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

PINTO, C. R. J. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). Lua Nova – *Revista de Cultura e Política*. São Paulo, n. 100, p. 119-153, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/yy7GFGFWK8tkCfLHM8TrFNM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

POL-DROIT, R. *Michel Foucault: entrevistas*. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Edições Graal, 2006.

POSSENTI, S. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

POSSENTI, S. Estereótipos e identidade: o caso nas piadas. *In*: POSSENTI, S. *Os limites do discurso*. Curitiba: CRIAR Edições, 2004.

POSSENTI, S. Jogos de verdade: uma questão para a análise do discurso. *In*: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). *Discurso e (pós)verdade*. São Paulo: Parábola, 2021.

VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Recebido em 31/08/2024

Aceito em 13/10/2025

Publicado em 18/10/2025